

Marxismo e a opressão às mulheres: rumo a uma teoria unitária

LISE VOGEL

São Paulo: Expressão Popular, 2022. 455 p.

*Fabiana Sanches Grecco**

O livro “Marxismo e a opressão às mulheres: rumo a uma teoria unitária”, escrito por Lise Vogel, compõe o atual campo dos estudos teóricos marxistas, apesar de sua primeira publicação ter mais de 40 anos. Nele, a autora analisou a opressão das mulheres, o trabalho doméstico e a reprodução social no modo de produção capitalista por meio de uma perspectiva classista e com o objetivo manifesto de examinar e ampliar a obra de Marx.

Foi publicado em 1983, nos Estados Unidos, como resultado de uma investigação realizada por Vogel ao longo da década de 1970, quando havia grande interesse pelo tema do trabalho doméstico. Apesar disso, o livro teve pouca repercussão na época de sua primeira publicação, devido ao contexto em que se inseriu, o dos anos 1980, de menor adesão ao movimento feminista-socialista e diminuição do entusiasmo pela teoria marxista. No entanto, na segunda década do século XXI, diante de um renovado interesse pelas teorias feminista e marxista, “Marxismo e a opressão às mulheres” foi recuperado como marco teórico da Teoria da Reprodução Social (TRS), que tem como principais autoras Cinzia Arruzza, Tithi Bhattacharya e Nancy Fraser. Com isso, décadas após sua primeira publicação, foi traduzido para outros idiomas e publicado em diferentes regiões do mundo. A edição de 2013, de língua inglesa, ganhou uma nova e importante introdução

* Doutora em Ciência Política pela Unicamp. E-mail: fasgrecco@gmail.com.

escrita por Susan Ferguson e David McNally (publicada pela *Revista Outubro*, nº 29, em 2017, com o título “Capital, força de trabalho e relações de gênero”) e originou a tradução para o português de 2022, aqui apresentada.

Apesar do sofisticado, amplo e complexo exame que Vogel fez das obras de Marx e Engels, bem como da produção feminista-socialista, escolhi evidenciar a sua própria contribuição ao debate. Isto é, aquilo que se apresenta como uma ampliação da obra de Marx, tal como a autora objetivou realizar no livro. Desde meados da década de 1960, nos mais diversos contextos teóricos, históricos e geográficos, argumenta-se sobre os trabalhos domésticos e de cuidados terem importância na reprodução do modo de produção capitalista. Porém, nessas mais de seis décadas de reflexões, o reconhecimento das análises feministas no campo marxista variou muito. Se hoje há interesse em estudos como o aqui apresentado, outrora as teóricas feministas tiveram que disputar com os setores marxistas ortodoxos a teoria basilar dessa tradição – a teoria do valor – para construir espaços teóricos que coubessem os trabalhos domésticos e de cuidados.

“Marxismo e a opressão às mulheres”, ao lado de uma série de publicações de autoras de diferentes nacionalidades, é um representante dessa disputa, na qual se tentava compreender a opressão das mulheres no capitalismo valendo-se de categorias marxistas. A tentativa geral das feministas da geração de Vogel foi “investigar o *status* teórico do trabalho doméstico não pago das mulheres e seu produto” (p. 137). Em certo sentido, no livro em questão, a autora enfrentou essa discussão candente nos anos 1960 e 1970. Foi categórica ao afirmar que gestar, nutrir, cuidar, varrer, lavar e planejar a vida doméstica não são trabalhos executados de forma capitalista, apesar de envolverem relações de classe. Segundo a autora, Marx identificou somente um componente no trabalho necessário para a reprodução social – o componente social do trabalho – e não considerou o componente doméstico do trabalho necessário. Esse é justamente o ponto que careceria de ampliação em sua obra, especialmente em “O Capital”, conforme muitas feministas além de Vogel examinaram. Entretanto, para a autora, considerar o componente doméstico do trabalho necessário para a reprodução social não exigiria que ele tenha um caráter produtivo. O que, aliás, ele não teria. Mas, demandaria que a sua posição nas relações de classe seja demonstrada.

Considero esse o principal caminho argumentativo do livro, o de tecer uma perspectiva classista sobre a posição das mulheres na reprodução social. Embora não tenha sido a única de sua época a fazê-lo, chama atenção a forma rigorosa como Vogel seguiu o sentido de classe social presente na obra marxiana. Vogel estudou as ligações entre a opressão das mulheres, a experiência familiar e a reprodução social. Fez um exame minucioso de como essas ligações aparecem nos escritos de Marx, de Engels e das feministas-socialistas. Além de retomar a importância dada, em “O Capital”, à força de trabalho como uma “mercadoria peculiar” no modo de produção capitalista, quando examinou a reprodução da força de trabalho no contexto da reprodução social geral. Mas, foi “abaixo da superfície da análise

de Marx sobre a reprodução social n' *O capital*" (p. 322, grifo da autora) que encontrou as bases para situar "o fenômeno da opressão às mulheres em termos de reprodução social" (p. 322), focando no aspecto econômico ou material dessa opressão – não nas experiências individuais e subjetivas.

Embora os processos de trabalho próprios da reprodução social (domésticos e de cuidados), bem como a própria reprodução biológica, possam ser opressivos e alienantes, para a autora, o problema não estaria na natureza desses processos, mas na sua estruturação no modo de produção capitalista. Afinal, a reprodução humana e da força de trabalho seria um aspecto central da reprodução social enquanto reprodução das condições de produção. A reprodução geracional seria "a única fonte de renovação da força de trabalho" (p. 331), ou seja, única fonte de "manutenção e renovação da classe dos portadores da força de trabalho sujeitos à exploração" (p. 332). Vogel entende que as mulheres ocupam uma posição específica na reprodução social, que é a de principais realizadoras dos trabalhos domésticos e de cuidados, além de serem responsáveis pela "reposição geracional dos portadores da força de trabalho" (p. 329). Desse ponto de vista, é possível considerar que a posição que as mulheres ocupam na reprodução social seria, portanto, uma posição na luta de classes, na medida em que a reprodução da força de trabalho seria fundamental para a classe dominante e as famílias da classe trabalhadora seriam locais sociais estratégicos para essa reprodução.

Em síntese, para a autora, haveria uma relação estrutural das unidades domésticas da classe trabalhadora com o modo de produção capitalista. Desse modo, não seria "a biologia *per se* que dita a opressão às mulheres, mas, em vez disso, a dependência do capital dos processos biológicos específicos das mulheres – gestação, parto, lactação – para garantir a reprodução da classe trabalhadora" (p. 75, grifo da autora). É preciso esclarecer que, ainda que todas as pessoas possam realizar os trabalhos domésticos e de cuidados, as mulheres são historicamente desproporcionalmente encarregadas disso. Ainda que todas as pessoas possam ou não ter filhos ou que possam ter filhos por vias que não o próprio corpo, ter um útero é uma condição para que a reprodução biológica ocorra e isso é entendido como uma das bases da opressão às mulheres no capitalismo, como destacou a autora (p. 329).

Por fim, é possível ir além de Vogel e pensar a influência do gênero e da raça na reprodução da força de trabalho. Embora esse não seja um desenvolvimento adotado por ela, a concepção de interseccionalidade dos anos 1980 e 1990 sublinhou que a problemática entre capitalismo, patriarcado e racismo pudesse ser abordada com complexidade semelhante à luta de classes. Não como somatória de opressões, mas pela compreensão de que o sujeito político não é homogêneo, como defendem as teóricas da TRS. Diante disso, a importância do livro vai além do trabalho de Vogel. Ele oferece, na verdade, uma base teórica importante na consolidação da TRS dentro do corpo teórico marxista.

CONSULTE A BIBLIOTECA VIRTUAL DA *CRÍTICA MARXISTA*

<http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista>

CRÍTICA marxista

Direção política e educação

Anita Helena Schlesener

Debates historiográficos, Brasil e Argentina

Lucas Duarte e Carlos Zacarias

Notas sobre o comum

João Tonucci Filho

**DOSSIÊ “Marxismos, feminismos, *queer*
e sexualidades” (Parte II)**

Bárbara Castro, Maira Abreu,

Cinzia Arruzza, Kevin Floyd, Alan Sears

49